

» Entrevista | **ELIZABETH BAGLEY** | EMBAIXADORA DOS EUA NO BRASIL

Chefe da representação norte-americana destaca os valores comuns de Brasil e Estados Unidos e detalha a programação comemorativa do bicentenário da relação entre os dois países. Conta, ainda, bastidores da afinidade entre Biden e Lula

# “A democracia prevaleceu”

» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

Fotos Oficiais/Divulgação



**A**o completar o primeiro ano à frente da embaixada dos Estados Unidos em Brasília, Elizabeth Frawley Bagley recorre à expressão inglesa “hitting the ground running”. Em tradução livre, seria o equivalente a dizer que a norte-americana nascida em Washington começou com o pé direito sua missão diplomática. Nesta entrevista ao *Correio*, Bagley relata os bastidores da relação próxima entre Joe Biden e Lula da Silva, dois presidentes que compartilham a defesa dos direitos dos trabalhadores. A embaixadora detalha o diálogo intenso entre Brasil e Estados Unidos em campos relevantes como G20 e emergência climática. Por fim, mostra-se entusiasmada com o bicentenário das relações entre os dois países. Os Estados Unidos foram, “de longe”, lembra Bagley, o primeiro país a reconhecer a independência do Brasil. Leia, a seguir, os principais trechos da conversa.

## Bem, já faz um ano aqui em Brasília, não?

Sim, um ano em 1º de fevereiro. Eu estava falando com meu filho, que está agora em Salvador. Ele gosta muito do Brasil, é a terceira vez que ele vem. Ele veio comigo em 1º de fevereiro de 2023. Eu diria que, para utilizar uma expressão conhecida por vocês, comecei com o pé direito. Em 3 de fevereiro, apresentei minhas credenciais ao presidente Lula. Fomos então para um fim de semana em São Paulo — era um fim de semana chovoso —, visitamos muitos museus e voltamos para Brasília. Em 8 de fevereiro, voltei para Washington — por sinal, sou de lá, então foi bom voltar para casa e rever minha filha, ela mora na capital. Fui a Washington para preparar o encontro de 10 de fevereiro, na Casa Branca, entre os presidentes Biden e Lula.

## E como foi o encontro?

Foi muito bom. Foi bem-sucedido, mas curto. Era o que o presidente Lula havia pedido, porque ele queria voltar ao Brasil por causa da turbulência política. O 8 de janeiro acabou de acontecer. Naturalmente Biden e Lula falaram do 6 de janeiro (de 2021, data da invasão do Capitólio em Washington). Eles conversaram muito sobre isso. Falaram sobre democracia, clima, comércio e investimento.

## Havia muito o que conversar, então.

E veja que interessante. A primeira coisa que Lula disse foi: “Presidente Biden, acabei de me encontrar com o chefe da AFL-CIO (a maior federação sindical dos EUA) e ele disse que, de todos os presidentes da história, você é o defensor dos trabalhadores, dos direitos dos trabalhadores”. Lula acrescentou: “Isso significa tudo para mim, porque você conhece o meu background”. E o presidente Biden respondeu: “Claro, você sabe, essa também é minha formação, meu pai era do movimento trabalhista e sempre me preocupou com os trabalhadores”. Então esse foi um momento de grande conexão entre Biden e Lula.

## Houve uma afinidade imediata.

Eles já tinham estabelecido uma relação antes, quando se encontraram a sós no Salão Oval, por aproximadamente uma hora. E quando eles entraram para o segundo encontro, na sala do gabinete, estávamos todos lá, Celso Amorim, Mauro Vieira, Jaques Wagner. Foi incrível.

## Daquela conversa em fevereiro de 2023, houve progresso?

Eles estabeleceram o primeiro rapport. Compartilharam valores como democracia, Estado de Direito, direitos humanos, atenção ao meio ambiente e direitos dos trabalhadores. Posso dizer que

esse encontro, certamente, progrediu para o lançamento, em 20 de setembro de 2023, da parceria entre os EUA e o Brasil para os direitos dos trabalhadores. Naquela ocasião, eles tiveram outro encontro de uma hora (em Nova York) antes desse anúncio — tive o privilégio de estar lá. Então esse é um exemplo muito tangível de onde estamos.

## Há outros desdobramentos relevantes?

Tivemos o Fórum de CEOs em dezembro de 2023. Isso também foi interessante. Quando se encontraram em setembro, Lula disse a Biden que gostaria de restabelecer o Fórum de CEOs, iniciado na gestão anterior do presidente brasileiro. E em dezembro, a secretária de Comércio dos Estados Unidos, Gina Raimondo, e seu vice-presidente, Geraldo Alckmin, se reuniram e lançaram Fórum. Muito bem-sucedido. Provavelmente nunca houve um grupo de 12 CEOs norte-americanos e 12 brasileiros. A missão desse fórum é ampliar o comércio e os investimentos em diversos setores.

## Sobre o bicentenário das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos, o governo dos EUA está engajado em celebrar esse importante marco.

Sim. Tenho conversado com a embaixadora Maria Luiza Vioti (chefe da embaixada brasileira em Washington). Apresentei-a ao pessoal do Kennedy Center. Eles vão fazer, eu acho, três eventos diferentes. Soube que Caetano Veloso irá a um dos eventos musicais. Estamos fazendo inúmeras coisas e pelo menos duas vezes por mês teremos algo para comemorar o bicentenário das relações entre Brasil e EUA.

## É um marco relevante.

Em 26 de maio de 1824, seu encarregado de negócios apresentou as credenciais ao presidente James Monroe. E os Estados Unidos foram os primeiros a reconhecer a independência brasileira de Portugal. Ironicamente — e eu pesquisei, para ter certeza —, fomos de longe os primeiros a reconhecer o Brasil, em mais de um ano. O segundo país a reconhecer — acredito que em julho ou agosto de 1825 — foi Portugal. Eu fui embaixadora em Portugal. Conheço várias coisas de Portugal, mas não sabia disso. É muito interessante.

## Essa aproximação com os EUA vem do século 18, ainda na Inconfidência Mineira.

Duzentos anos é muito tempo. Isso mostra a força da nossa

amizade e parceria. Sempre dizemos que somos parceiros e somos iguais. Somos as duas maiores economias do Hemisfério Ocidental, temos as maiores Forças Armadas, os dois países mais fortes do Hemisfério Ocidental. Isso é realmente importante para nós.

## Qual sua perspectiva sobre a democracia neste momento?

A democracia está frágil em todos os lugares. E para mantermos e fortalecermos a nossa democracia, temos de entregá-la para o nosso povo. E acho que essa é realmente a chave da democracia e da diplomacia. Elas não funcionam a menos que você produza resultados para as pessoas. Então acho que os Estados Unidos têm tido seus desafios, especialmente agora, com a democracia. Isso aconteceu em 6 de janeiro e está acontecendo agora nos tribunais. Mas você também poderia dizer que a democracia foi fortalecida porque mostrou a importância dos tribunais e dos freios e contrapesos entre o Executivo, o Congresso e especialmente as cortes.

## Por que a senhora destaca o papel das cortes?

Tivemos muitos desafios no passado e em 2020. Foram mais de 150 prisões, encaminhadas para os tribunais de cada estado. E ganhamos em todos. A democracia prevaleceu, as instituições democráticas prevaleceram. E várias cortes eram lideradas por juízes nomeados por Donald Trump. Então quando você pensa nisso, sobre a liberdade do sistema de Justiça prevalece. E penso que é a mesma coisa no Brasil.

## Por quê?

O 8 de janeiro foi horrível, mas também mostrou que a democracia prevaleceu e que as instituições democráticas se mantiveram de pé durante a insurreição nos dois países. O Brasil é um exemplo muito bom; trata-se realmente de uma ilha de estabilidade em uma região tumultuada — e não é só a América Latina, é por todo o mundo. O Brasil é uma democracia estável, com um governo estável, que tem seus desafios. Mas acho que ela ficou mais forte com o que aconteceu.

## Talvez a crise tenha sido a oportunidade para fortalecer a democracia.

Seguramente. Foi muito importante o que o presidente Lula fez este ano para lembrar o 8 de janeiro. Eu estava lá quando ele reuniu todo mundo. Foi emocionante. E, depois disso, o presidente Biden escreveu uma linda carta

para o presidente Lula, na qual compartilharam seus valores e o compromisso pela democracia.

## Houve resposta?

Sim. O presidente Lula enviou outra bela carta. Eles trocaram duas belas cartas no último mês. Eu a entreguei pessoalmente ao presidente Biden porque pela mala diplomática, poderia levar duas semanas. Precisamos mostrar a eles! (risos). As correspondências dizem muito. Falam da amizade deles, da parceria, dos direitos dos trabalhadores e a defesa partilhada da democracia. Ambos os países se fortaleceram por causa dos desafios que enfrentaram e porque as instituições democráticas prevaleceram.

## Como a senhora vê o diálogo entre Brasil e EUA em relação às mudanças climáticas?

No encontro de 10 de fevereiro de 2023, esse foi um dos principais focos. O presidente Biden cumprimentou o presidente Lula pelo que ele havia proposto fazer para eliminar o desmatamento até 2030. Falou-se também da COP 30, que o Brasil sediará. Mas, mais do que isso, Lula mostrou do que é capaz de fazer e já reduziu o desmatamento pela metade. Temos trabalhado com o clima há muito tempo, a maior parte na Amazônia.

## O presidente Biden pediu US\$ 500 milhões para o fundo da Amazônia.

Ele prometeu pedir ao Congresso norte-americano US\$ 500 milhões, mas como você pode imaginar, este Congresso é bastante disfuncional neste momento (risos) — ao menos na Câmara (controlada pelos Republicanos). Ainda não temos um orçamento. Esperamos ter um orçamento até 8 de março, quando eles devem discutir novamente sobre esse assunto.

## A promessa está de pé, então.

O que estou tentando dizer é que ele disse que iria perguntar ao Congresso, mas seria ao longo dos anos. Pedimos 50 milhões para as duas casas do Congresso e temos que lidar com os republicanos na Câmara e os democratas do Senado. Três milhões foram enviados para o BNDES há alguns meses. E nós temos mais 47 milhões, que estão no que chamam de “fundo”. Podemos solicitar mais a cada ano, até os 500 milhões. Mas é o Congresso que tem de fazer isso.

## Mas isso mostra o compromisso do governo dos EUA em relação à Amazônia.

Com certeza. Além disso, você



**Duzentos anos é muito tempo. Isso mostra a força da nossa amizade e parceria. Somos as duas maiores economias do Hemisfério Ocidental, os dois países mais fortes. Isso é realmente importante para nós”**

vi crianças tão incríveis, brilhantes e com tanta energia. Eles viajaram primeiro para Washington e depois passaram mais duas semanas em três partes diferentes dos Estados Unidos. Todos falam inglês, então são capazes de se conectar com crianças. Tenho certeza que eles adoraram. É um programa incrível.

## E este mês?

Em fevereiro, o destaque é o G20. Em maio, temos dois grandes eventos. O primeiro, o Itamaraty está patrocinando um simpósio sobre a história dos nossos dois países. Teremos pessoas vindo dos Estados Unidos. Em seguida, a Amcham também promoverá um evento. Em 22 de maio, o nosso porta-aviões USS George Washington virá pela costa e faremos um grande evento no Rio de Janeiro.

## Haverá eventos ligados ao esporte?

Sim, a diplomacia esportiva. Temos a NFL (Liga Nacional de Futebol Americano) chegando. Alguns dos atletas estão aqui em São Paulo. No dia 6 de setembro, duas equipes virão a São Paulo para jogar. O Philadelphia Eagles será um dos times. Ainda não sabemos qual será a outra equipe. A diplomacia desportiva será uma grande parte disso.

## E sobre intercâmbio cultural?

Estamos organizando a primeira exposição nacional de arte afro-brasileira e afro-americana. Temos algumas pessoas que querem emprestar sua Arte Contemporânea. Estamos trabalhando com a Faap, em São Paulo. Será provavelmente em outubro ou novembro.

## Há um evento preparado para homenagear mulheres líderes?

Sim. Será em março, no mês internacional da mulher. Provavelmente na última semana. Esperamos que a agenda de Janja e de Lu Alckmin esteja disponível. Queremos homenageá-las, são mulheres de substância. E também queremos homenagear as mulheres dos Três Poderes: no Supremo Tribunal Federal, no Congresso Nacional, no governo federal. E as embaixadoras estrangeiras. Somos 32 embaixadoras, o que é incrível.

## Um dos propósitos deste bicentenário é mostrar que a cooperação entre EUA e Brasil tem resultados práticos para os cidadãos, como a concessão de vistos e geração de empregos.

Sem dúvida. Foram 1,1 milhão de vistos concedidos em 2023. Foi difícil depois da covid. O número de funcionários do consulado diminuiu, então tivemos que reconstruir tudo completamente.

## Hoje a demanda acumulada está mais baixa?

Somente os vistos B1 e B2 que têm uma espera de 30, 40 dias, a depender do consulado. São Paulo é o mais procurado. Estamos trazendo mais pessoas para ajudar

## O seu segundo ano no Brasil, então, será dedicado ao bicentenário.

Bicentenário e G20. Teremos eleições nos EUA em novembro, mas não estarei envolvida. Não desta vez. Estarei no Brasil.

## E sobre Brasília? Gosta da cidade?

Eu gostaria que parasse de chover (risos).

## Ah, vai parar. Fique tranquila.

Eu amo Brasília. É fácil de se locomover. Levo de 10 a 15 minutos da minha casa para a embaixada, diferentemente de São Paulo e Rio de Janeiro. E a arquitetura é incrível. Quando levo as pessoas e mostro a elas o que Oscar Niemeyer fez, elas adoram.

## É uma ideia fascinante?

Sim. Sim, é incrível.